

POR QUE NARCISO NÃO MERGULHA?¹

Ulisses Belleigoli²

o primeiro livro que li da leslie kaplan
foi *o psicanalista*
a leslie kaplan nasceu em nova iorque em 1943
a leslie kaplan é uma poeta francesa
a leslie kaplan mora na França desde os 3 anos
o psicanalista da leslie kaplan
conta a história de eva
e tem um psicanalista na história o simon
mas o simon não atende a eva
o simon atende a louise
a eva lê o kafka
a eva pensa nas coisas que o kafka diz
o kafka diz que escrever é dar um pulo
para fora da fila dos assassinos de nós mesmos
eva consegue *dar um pulo para fora da fila dos assassinos*
da sua própria vida
talvez a análise faça a gente dar esse pulo
para fora da fila
há 3 meses eu vim morar em são paulo
há 3 meses eu parei de ir à análise
eu fazia análise há 20 anos
não achei que fosse parar
mas não parei estou tentando lidar com a distância
como se faz para lidar com a distância
ela pergunta e eu não consigo responder
estou sentindo falta da análise
talvez a análise faça a gente dar um pulo
para fora talvez a análise faça a gente viver
dando esse pulo para fora
talvez a linguagem faça a gente dar esse pulo
um pulo para fora da fila dos assassinos
[...]

Marília García in *Sobre o Atlântico*

Um teste de resistores,
p. 101

¹ Trabalho apresentado na XXIV Jornada de Encerramento do Ato Freudiano – 2019

² Psicanalista, participante do Ato Freudiano – Escola de Psicanálise de Juiz de Fora

O MITO DE NARCISO

Como quase tudo na mitologia grega, há diferentes versões da história de Narciso. Mas, *grosso modo*, o que precisamos saber é que Narciso era um rapaz muito bonito, que suscitava paixões por onde passava: eram ninfas, moças e moços. Mas Narciso não correspondia a nenhum desses amores. Rejeitava tacitamente qualquer aproximação. Por obra de maldição, do destino ou do acaso (depende da versão), Narciso, um dia, vê sua própria *imagem* refletida na água e logo se apaixona. No entanto, sempre que tenta tocar sua *imagem*, ela se desfaz com o movimento da água, o que faz Narciso achar que está sendo rejeitado. Então, à beira do rio, adorando a própria *imagem*, Narciso definha de paixão e, quando finalmente morre, no lugar onde ele morreu, nasce uma flor, a qual recebe o nome de Narciso.

Eu gostaria de chamar a atenção para um detalhe que tentei evidenciar no texto dessa breve reconstrução do mito de Narciso, o qual considero ser “o pulo do gato” para melhor apreciá-lo (e para aproveitá-lo, como analistas, para pensar o narcisismo na clínica): Narciso não se apaixona “por si mesmo”; ele se apaixona por sua *imagem projetada* na água.

O CAMINHO DE FREUD COM O NARCISISMO

Em “Introdução ao narcisismo” (1914), Freud coloca em movimento suas investigações sobre a libido e sobre as relações entre as pulsões e a constituição do sujeito. Ele próprio chama esse trabalho de uma “extensão à teoria da libido” e reivindica, para o narcisismo, “um lugar no desenvolvimento sexual regular do ser humano”. Freud diz que essa direção surge “a partir das dificuldades da psicanálise com neuróticos, pois era como se tal comportamento narcísico fosse um dos limites de sua suscetibilidade à influência.”

Suas especulações, que começam com uma diferenciação das pulsões sexuais das pulsões do Eu, vão desembocar em um protótipo do Super-eu (Ideal do Eu), para o qual Freud já delimita algumas atribuições, que depois foram ratificadas no seu texto “O Eu e o Isso” (1923). Essa trajetória inclui os ensaios de metapsicologia (que dão especial atenção às pulsões), o “Além do princípio do prazer” (1920) e “A psicologia das massas e a análise do Eu” (1921).

Introdução ao narcisismo, p. 16

Introdução ao narcisismo, p. 15

Introdução ao narcisismo, p. 20

Introdução ao narcisismo, p. 40

Nesse percurso, um dos grandes desafios de Freud foi identificar, delimitar e precisar as relações de objeto. Debruçar-se sobre narcisismo foi, para Freud, a meu ver, uma topada com a complexidade e a variedade de relações que um sujeito dividido pode estabelecer com o objeto. Atentemo-nos para o fato de que, quando avança em sua teoria da libido, na tentativa de lançar luz sobre os movimentos pulsionais e as relações de objeto, Freud acaba se propondo uma nova óptica para a divisão do sujeito, a segunda tópica.

§ ◊ a

[todas as relações, menos a de igualdade]

citações do texto

O Eu e o Isso

O Super-eu deve a sua especial posição no Eu ou ante o Eu a um fator que deverá ser estimado a partir de dois lados: é a primeira identificação, acontecida quando o Eu ainda era fraco, e é o herdeiro do complexo de Édipo, ou seja, introduziu no Eu os mais imponentes objetos. [p.60]

O ideal do Eu é, portanto, herdeiro do complexo de Édipo e, desse modo, expressão dos mais poderosos impulsos e dos mais importantes destinos libidinais do Isso. [p.45]

Se o Eu assume os traços do objeto, como que se oferece a ele próprio ao Isso como objeto de amor, procura compensá-lo de sua perda, dizendo: "Veja, você pode amar a mim também, eu sou tão semelhante ao objeto". [p.37]

Assim o Super-Eu se acha constantemente próximo do Isso, e pode representá-lo perante o Eu. Está profundamente imerso no Isso, e por isso mais distante da consciência do que o Eu. [p.61]

[Nota: agora, após a distinção entre Eu e Isso, temos que reconhecer o Isso como grande reservatório da libido, no sentido da "Introdução ao narcisismo". A libido, que flui para o Eu através das identificações aqui mostradas, produz o seu "narcisismo secundário".]

Esses pequenos excertos de "O Eu e o Isso" nos mostram, entre outras coisas, duas que julgo importantes para este trabalho: 1) que a segunda tópica se delineia de maneira a contemplar as moções pulsionais e as relações de objeto; 2) Freud amplia e complexifica a lógica do inconsciente.

A CAPTURA NARCÍSICA NA CLÍNICA

No seminário "A angústia", Lacan nos aponta que a *relação com o desejo* e a *identificação narcísica* são homólogas e distintas. "É no jogo da dialética que atá tão estreitamente essas duas etapas que veremos introduzir-se a função da angústia".

A angústia, p. 15

O desafio que temos diante de nós, na clínica, é este: um sujeito dividido, que quer e não quer ao mesmo tempo; que diz ser o que não quer ser, e que diz não ser o que quer ser; que ama e odeia seu objeto; que ama e odeia a si mesmo (ou a imagem projetada de si); que busca e foge na mesma direção. Que diz que quer fazer dieta, mas continua se entupindo de comida. Que está exausto de brigar, mas briga. Que fala que não vai amar, mas ama. Que fala que quer amar, mas não o faz.

A análise mostra, porém, que de maneira nenhuma [os neuróticos] suspendem a relação erótica com pessoas e coisas. Ainda a mantém na fantasia, isto é, por um lado substituem os objetos reais por objetos imaginários de sua lembrança, ou os misturam com estes, e por outro lado renunciam a empreender as ações motoras para alcançar as metas relativas a esses objetos.

Se [as identificações objetais do Eu] predominam, tornam-se muito numerosas e fortes, incompatibilizando-se umas com as outras, um desfecho patológico é provável.

Essa confusão entre sujeito e objeto, que se dá inconscientemente, é também artífice da angústia, pois enlaça *desejo* e *identificação narcísica*. O sujeito, ao se *co-fundir* com seu objeto, confunde-se com seu trabalho, com seu amor, com seu lugar na família e no seio social. Nessa lógica, fica difícil não apenas substituir ou perder os objetos, mas também elegê-los e neles investi-los.

Se eu não conquistar esse amor, não sou nada. Se eu perder esse trabalho, eu perco meu valor. Se eu trocar de posição na família, não serei reconhecido. Se escolher esse caminho, serei parecido com este outro, de quem não gosto. Se sentir esse sentimento, serei alguém que não aprecio. Se eu não cuidar de como sou visto, serei preterido. Se meu objeto narcísico cair, caio junto.

Lembre-mos, claro, de que esses objetos já estão perdidos, e um bom sinalizador dessa alienação é o apego a eles. O sujeito só se apega ao que não tem ou ao que lhe escapa. É nesse sentido que a "angústia é a tradução subjetiva do objeto a".

É nesse ponto que não podemos subestimar a questão narcísica e seu lugar na gênese e na sustentação do Super-Eu. O Super-Eu compõe-se de restos de variadas vozes (parentais, institucionais, sociais, etc.), as quais se ordenam de maneiras muito peculiares em cada sujeito.

Introdução ao narcisismo, p. 15

O Eu e o Isso, p. 38

[Uma parte do *Selbstgefühl* é primária, resto do narcisismo infantil; outra parte se origina da onipotência confirmada pela experiência (do cumprimento do ideal do Eu); uma terceira da satisfação da libido objetual.]

Introdução ao narcisismo, p. 45

Selbstgefühl
amor-próprio
sentimento de si
dignidade pessoal
orgulho
consciência da própria
dignidade
sentimento de valor
próprio
self-regard

A angústia, p. 113

[O Super-Eu] Embora acessível a todas as influências posteriores, conserva por toda a vida o caráter que lhe foi dado por sua origem no complexo paterno, ou seja, a capacidade de confrontar o Eu e dominá-lo. É o monumento que recorda a anterior fraqueza e dependência do Eu, e que mantém seu predomínio sobre o Eu maduro. Assim como a criança era compelida a obedecer aos pais, o Eu submete-se ao imperativo categórico do Super-Eu.

O Eu e o Isso, p. 60

O que é o gozo? Aqui ele se traduz a ser apenas uma instância negativa. O gozo é aquilo que não serve para nada. Aí eu aponto a reserva que implica o campo do direito-ao-gozo. O direito não é dever. Nada força ninguém a gozar, senão o superego. O superego é o imperativo do gozo – Goza!

Mais, ainda, p. 11

Se eu parar de gozar, vou perder minha essência. Se eu desejar, não me reconhecerei.

desejo de reconhecimento
reconhecimento do desejo

Essas frases traduzem a dificuldade à que Freud se refere quando fala que o narcisismo resiste à influência da análise. Lacan acrescenta que o Super-eu aparece aí como um “correlato da castração”. Se nos ajudar a pensar, lembremos que, no mito, Narciso morre – deixa de viver, desiste da vida, morre-se, mata-se.

A instância da letra
no inconsciente
[Escritos], p. 529

Contudo, a experiência clínica nos mostra que é mesmo aí, nesse ponto, que a intervenção analítica é tão preciosa-precisa-necessária. O analista, estando do lado do desejo, pode – a partir da angústia, a partir da escuta do significante, a partir da interpretação e das construções – oferecer ao paciente possibilidades de se descolar de sua imagem narcísica; a possibilidade de duvidar e, por vezes, de se desviar do imperativo superegóico que o compele ao gozo.

“Ser e poder não ser:
eis a questão!”
Juízos e risos para
dois Narcisos

[sentir – querer]

Freud nos avisa que há, para essa captura narcísica, uma cura pelo amor, e que, via de regra, ela é preferida pelos pacientes, em detrimento da cura analítica. Mas é o próprio Freud que também nos fala que o tratamento analítico se alicerça, primordialmente, sobre o manejo da transferência. E é também o próprio Freud que cunha a expressão “amor de transferência” e que fala que “a psicanálise é, em essência, uma cura pelo amor”.

Introdução ao
narcisismo, p. 49

A dinâmica da
transferência (1912)

Estranho é – mas muito oportuno – que o sujeito deixe o analista mexer justamente no lugar mais protegido de si. Essa pode ser uma boa maneira de nos convidarmos a uma escuta que comporte rigor e alguma fineza.

“Amor é dar o que não
se tem (a alguém que
não o quer)”

A transferência, p. 49

Eu penso no que teria acontecido se Narciso tivesse mergulhado. Se, ao invés de tentar apenas tocar sua imagem, ele tivesse tentado atravessá-la. Porque era isso: ele tocava, ela se desfigurava, e ele se entristecia. Aí de novo, ele a tocava, ela se desmanchava, ele chorava. Dentro dele, a dúvida: “quem é esse, que me rejeita?” Mas se ele tivesse mergulhado, talvez ele tivesse se libertado, ao ver que ali não havia ninguém. Ou tivesse sentido a água gelada do rio e tivesse se alegrado com a possibilidade de nadar. E tivesse ficado lá, amando a si mesmo. Sim, a si mesmo. Sem se perder em sua imagem, em nenhum Narciso inexistente. E eu... eu estaria passando por ali e o veria, nadando, rindo, brincando com a água, com o agora, e me apaixonaria. Eu tiraria minhas roupas e, despido, entraria na água. Ele me veria, me estranharia. Com sorte, talvez ele me quisesse, pois veria em mim não um homem que é, mas um homem que nada.

JuÍzos e risos para
dois Narcisos

[*moi mème*]

Assim como fiz para dar início, recorro à literatura para finalizar essa reflexão sobre o narcisismo, com o intuito de espalhar novamente as palavras, os conceitos e as elaborações. Para que a concisão exigida por esse trabalho não nos precipite numa síntese, e para que o meu desejo de ser preciso não se converta em um afã de ser definitivo.

Convido-me (e convido-lhes), então, a uma última pergunta, muito metafórica, a qual espero que possa engendrar outras perguntas (metafóricas ou não) e também novos apontamentos para outras questões: *mergulhar é pular dentro ou mergulhar é pular fora?*

REFERÊNCIAS

FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 10: Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia [“O caso Schreber”], artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913)** / Sigmund Freud; tradução e notas de Paulo César de Souza. – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____, Sigmund. **Obras completas, volume 12: Introdução ao Narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)** / Sigmund Freud; tradução Paulo César de Souza. – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____, Sigmund. **Obras completas, volume 14: História de uma neurose infantil [“O homem dos lobos”], além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)** / Sigmund Freud; tradução Paulo César de Souza. – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____, Sigmund. **Obras completas, volume 16: O eu e o id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925)** / Sigmund Freud; tradução Paulo César de Souza. – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

GARCÍA, Marília. **Um teste de resistores**. – 2ª ed. – Rio de Janeiro: 7 Letras: 2016

LACAN, Jacques. **Seminário, livro 10: a angústia (1962-1963)** / Jacques Lacan; texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; versão final Angelina Harari e preparação de texto André Telles; tradução Vera Ribeiro. – Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

_____, Jacques. **Seminário, livro 20: mais, ainda (1972-1973)** / Jacques Lacan; texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; versão brasileira de M.D.Magno. – Rio de Janeiro: Zahar, 2008.